



Boletim do Museu Paraense Emílio

Goeldi. Ciências Humanas

ISSN: 1981-8122

boletim.humanas@museu-goeldi.br

Museu Paraense Emílio Goeldi

Brasil

van der Voort, Hein

Fala fictícia fossilizada: o tempo futuro em Aikanã

Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, vol. 8, núm. 2, mayo-agosto, 2013, pp. 359-377

Museu Paraense Emílio Goeldi

Belém, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=394035000009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Fala fictícia fossilizada: o tempo futuro em Aikanã

### Fossilised fictive quotation: Future tense in Aikanã

Hein van der Voort

Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTI. Belém, Pará, Brasil

**Resumo:** O Aikanã, língua indígena geneticamente isolada do sul de Rondônia, tem uma maneira de expressar o tempo futuro verbal que é, à primeira vista, algo surpreendente. A construção, que é obrigatória para o tempo futuro, envolve, além de um morfema de futuro (*-re-*, ou futuro remoto *-ta-*), sempre um morfema da primeira pessoa (seja singular ou plural), independente de o verbo estar flexionado para pessoa (seja primeira ou não). Consequentemente, o tempo futuro em Aikanã sempre envolve dois marcadores pessoais no verbo, que correspondem gramaticalmente em número com o sujeito do verbo, mas não necessariamente em pessoa. Mesmo assim, como é demonstrado, ainda que não correspondam no nível gramatical, os marcadores correspondem em pessoa no nível discursivo. Para pesquisadores tentando investigar a língua, esse tipo de construção sempre foi enigmático. Porém, hoje, com um pouco mais de conhecimento sobre construções parecidas em línguas vizinhas (mesmo sendo línguas geneticamente não relacionadas), ficou claro como essa construção tem uma base cognitiva concreta na gramática e na semântica da língua, envolvendo citação fictícia.

**Palavras-chave:** Aikanã. Marcação recursiva de pessoa. Citação fictícia. Traços areais. Rondônia.

**Abstract:** Aikanã, an indigenous isolate language, is spoken in the south of the state of Rondônia, Brazil, and it has a way of expressing future tense that is, at first sight, somewhat surprising. In addition to a future morpheme (*-re-*, or remote future *-ta-*), the construction involves an obligatory first person morpheme (either singular or plural), independent of whether the verb is already inflected for person (first person or not). Consequently, future tense in Aikanã always involves two person markers on the verb, which correspond grammatically in number with the verb's subject, but not necessarily in person. Although these person markers do not correspond with one another on the grammatical level, it will be shown that they do correspond on the discourse level. For researchers attempting to analyse the language, this construction has always been enigmatic. Recently, however, as more knowledge about similar constructions in the neighbouring languages has become available (even though they are genetically unrelated languages), it has become clear how the Aikanã future construction has a concrete cognitive basis in the grammar and semantics of the language, involving fictive quotation.

**Keywords:** Aikanã. Recursive person marking. Fictive quotation. Areal features. Rondônia.

---

VAN DER VOORT, Hein. Fala fictícia fossilizada: o tempo futuro em Aikanã. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 8, n. 2, p. 359-377, maio-ago. 2013.

Autor para correspondência: Hein van der Voort. Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTI. Coordenação de Ciências Humanas – Linguística. Av. Perimetral, 1901. Terra Firme. Belém, PA, Brasil. CEP 66077-830 ([hvoort@xs4all.nl](mailto:hvoort@xs4all.nl)).

Recebido em 18/06/2012

Aprovado em 14/05/2013



## INTRODUÇÃO

Em Aikanã, língua isolada de Rondônia, a expressão do tempo futuro verbal obrigatoriamente envolve dois marcadores pessoais no verbo, que concordam gramaticalmente em número com o sujeito do verbo, mas não necessariamente em pessoa. No entanto, ainda que essa concordância não ocorra no nível gramatical, será demonstrado que os marcadores concordam em pessoa no nível discursivo. Esse tipo de construção, semelhante a construções modais e temporais em certas línguas vizinhas, tem uma base cognitiva concreta na gramática e na semântica da língua, envolvendo citação fictícia.

Na primeira seção do artigo, serão brevemente descritos o contexto geográfico e étnico do povo Aikanã, a sua história pós-contato, a história da documentação e do estudo da língua, e também as fontes bibliográficas relevantes. A última parte representa um pequeno esboço preliminar da língua. Nas seções dois e três, serão discutidas a construção do futuro em Aikanã, as hipóteses sobre a sua origem e construções parecidas em línguas da região e de outras partes do mundo. A última seção apresenta uma conclusão.

## OS AIKANÃ

Aikanã é uma língua indígena de Rondônia, falada por aproximadamente 175 das 200 pessoas que se identificam etnicamente como Aikanã. Ainda não foi possível comprovar qualquer relacionamento genealógico com outras línguas. Consequentemente, Aikanã deve ser considerada como geneticamente ‘isolada’ (Vasconcelos, 2002; van der Voort, 2005). Mesmo que, pelo baixo número de falantes, a língua esteja seriamente ameaçada de extinção, é ainda falada pela maioria do povo e também transferida para as gerações mais novas. Se a autoestima do povo melhorar, o reforço de programas educacionais modernos for garantido e a sociedade envolvente mostrar respeito ao modo de vida e ao *habitat* dos Aikanã, a sua língua pode continuar viável.

O território tradicional dos Aikanã, nas cabeceiras do rio Pimenta Bueno, abrangia uma parte considerável do sudeste do estado, e os vizinhos tradicionais eram os Kanoê e Kwazá (também de línguas isoladas), Salamã (Tupí, Mondé), Mekens e Wayoró (Tupí, Tuparí), Kepkiriwat (Tupí, extinto) e Latundê (Nambikwára do Norte). Provavelmente, houve contatos esporádicos com povos das cabeceiras do rio Branco também, como os Tuparí (Tupí, Tuparí), Arikapú e Djeoromití (Macro-Jê, Jabutí).

Os Aikanã são conhecidos por nomes diferentes: Aikanã, Massacá, Kassupá, Huarí, Corumbiara, Mondé, Tubarão e há ainda outras designações. Porém, a autodenominação é geralmente Aikanã; por serem descendentes de certos subgrupos históricos, também se autodenominam Kasupa, Masaka ou Munde. As esparsas amostras da língua registradas sob esses nomes sempre revelam o Aikanã. A primeira menção aos Aikanã foi feita nas obras da Comissão Rondon: Rondon e Faria (1948) apresentam um mapa desenhado com base em informações dadas por um cacique Kepkiriwat em 1913, onde os Aikanã aparecem sob o nome Uapuruta, que representa o subgrupo antigo dos Waykuruta<sup>1</sup>. O primeiro registro do povo Aikanã, com fotografias e uma amostra da língua nativa, foi feito em 1914, pelo etnógrafo sueco barão Erland Nordenskiöld. No seu livro de 1915, Nordenskiöld descreve seu encontro com o povo Huarí nas cabeceiras do rio Corumbiara. O etnônimo Huarí lhes foi dado pelo (hoje extinto) povo Pauserna. Tanto os nomes pessoais quanto as 69 palavras dos ‘Huarí’ que foram publicados por Nordenskiöld são praticamente idênticos àqueles dos Aikanã de hoje.

<sup>1</sup> Este nome foi registrado também por Franz Caspar (1975, p. 9-10, 236) como Waikorotá, identificado pelos Tuparí como um povo inimigo do leste. Uma das últimas representantes do povo Salamã, nascida por volta dos anos 1930, lembra que chamavam os Aikanã de Waypurutá?e (com o sufixo -?e, que indica o plural em Salamã).



Provavelmente, os Aikanã tiveram contato com não índios antes da breve visita de Nordenskiöld, mas as grandes mudanças culturais vieram logo depois, com a entrada do seringalista Américo Casara (Albert, 1964), que os empregou na sua indústria de borracha, poaia e outros produtos nativos da região. Ao que tudo indica, os Aikanã se davam relativamente bem com os não índios e prestavam também sempre bons serviços nas obras da Comissão Rondon, nos anos 1910; na Expedição Urucumacuan, nos anos 1940 (Dequech, 1988-1993); na construção da BR-364, nos anos 1960; e até hoje, em outras iniciativas do governo, atuando como membros de equipes indigenistas nas frentes de atração Massaco, Omeré e Tanarú, em Rondônia.

Desde 1973, a maioria dos Aikanã (mais ou menos 200 indivíduos) está reunida na Terra Indígena Tubarão-Latundê (demarcada em 1983), perto de Chupinguaia, no sudeste de Rondônia. Nessa área, os Aikanã convivem com uma parte dos últimos representantes dos povos Kwazá e Salamãi, e com os últimos Latundê. Também moram algumas famílias mistas de Aikanã e Kwazá na Terra Indígena Kwazá do rio São Pedro, que faz parte do território tradicional dos Kwazá. Além disso, há representantes ou descendentes dos Aikanã em cidades como Chupinguaia, Vilhena, Pimenta Bueno e Porto Velho. Um dos aspectos desastrosos do contato com os não índios foi a dizimação dos Aikanã, especialmente por doenças infecto-contagiosas, contra as quais não tinham resistência. Além disso, a perda de suas terras mais férteis e a aculturação forçada pelos agentes da cultura ocidental (madeireiros, missionários, funcionários do governo etc.) levaram à diminuição da transmissão da cultura indígena tradicional.

## HISTÓRIA DE PESQUISA ETNOLINGUÍSTICA

No começo do século XX, entre os anos 1920 e 1940, várias pessoas interessadas registraram amostras das línguas da região, inclusive do Aikanã; o anexo do relatório de Estanislau Zack (1943), funcionário do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), deve ser especialmente mencionado aqui<sup>2</sup>. Nos anos 1950, alguns etnógrafos estrangeiros documentaram partes da língua e das tradições orais dos Aikanã, entre os quais Etta Becker-Donner (1955) e Wanda Hanke (1956). Nos anos 1960, os missionários Willem Bontkes (1968) e Wilbur Pickering (1968) fizeram pequenos vocabulários da língua<sup>3</sup>. Preparando a demarcação da sua área indígena, antropólogos da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) investigaram a situação histórico-cultural dos remanescentes Aikanã<sup>4</sup>. Somente nos anos 1980 linguistas tomaram iniciativas sérias para estudar a língua Aikanã. Em 1984, Harvey Carlson esteve por dois meses entre esse povo, com a intenção de fazer um estudo abrangente da língua. A pesquisa não foi continuada, mas Carlson, que faleceu em 1994, deixou uma coleção de gravações em fitas e notas de campo na Universidade da Califórnia, em Berkeley, Estados Unidos, que foi a base de um estudo preliminar de aspectos da língua<sup>5</sup>. Nos anos 1990, a linguista brasileira Ione Vasconcelos fez um estudo da língua, que resultou em alguns artigos (Vasconcelos, 1996, 2005) e uma tese doutoral (Vasconcelos, 2002). Atualmente, várias pessoas, inclusive o presente autor, estão envolvidos em documentação e estudos abrangentes da língua e da cultura dos Aikanã.

<sup>2</sup> ZACK, Estanislau. Turma de exploração no Oeste de Mato Grosso: Relatório; Vocabulário das tribus Massacá, Salamãin, Coaiá e Canoé, 1943 [Manuscrito]. Arquivo do Museu do Índio, Fundação Nacional do Índio (doravante MI/FUNAI), Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> BONTKES, Willem. Kasupá. Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras, 1968 [Manuscrito]. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (doravante MN/UFRJ), Rio de Janeiro; PICKERING, Wilbur. Mondé. Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras, 1968 [Datilografado]. MN/UFRJ, Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> GALVÃO, Jane L. F. Relatório de Identificação de Área Indígena dos Aikaná do Território Federal de Rondônia, 1980 [Datilografado]. MI/FUNAI, Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> HINTON, Leanne (Org.). Aikana Modules: a class report on the fieldnotes of Harvey Carlson, 1993 [Datilografado]. Universidade da Califórnia, Berkeley.



## A LÍNGUA DOS AIKANÃ

Com base em pares mínimos encontrados, pode-se supor que o sistema fonológico da língua abrange pelo menos dez vogais: /a, e, i, o, u, ü, ã, ē, ī, ū/. Neste artigo, será usada uma ortografia fonêmica prática. Os valores fonéticos dos símbolos não óbvios, conforme o International Phonetic Alphabet, são: /a/ [a], mas antes de [i], o [a] é sempre pronunciado como [i] ou [ə]; /e/ [ɛ]; /o/ [ɔ]; /ü/ [y], e às vezes [ø], /ā/ [ã], mas antes de [i] é pronunciado como [i] ou [ə].

O sistema de consoantes contém 16 fonemas: /p, b, t, d, k, ?, h, ts, m, n, ñ, r, w, z, y/. No início da palavra, o /ts/ é frequentemente pronunciado como [s], mas entre vogais é frequentemente [ts], com alguma variação livre com [s]. O /tx/ é geralmente [tʃ], mas [ʃ] foi observado também. O /ñ/ é [n] ou [j]. O /z/ é normalmente pronunciado como a fricativa [ð], e às vezes como laminal [z], e pode ser nasalizado entre vogais nasais, assemelhando-se a [n]. O /k/ às vezes recebe palatalização [kʰ] antes de [e]. O /y/ é pronunciado normalmente como [j], mas antes do [i] e [ø] é pronunciado como [ʒ].

A estrutura básica de sílabas é (C)(G)V(G). O acento principal recai geralmente na penúltima ou antepenúltima sílaba, mas existem alguns pares mínimos para acento.

Aikanã tem três classes principais de palavras: substantivos, verbos e advérbios, e é uma língua de grande complexidade morfológica; a maioria dos morfemas presos são sufixos de vários tipos. Os verbos são obrigatoriamente flexionados para sujeito, mas a terceira pessoa singular tem marcação zero. Os morfemas flexionais de pessoa não parecem ter uma relação etimológica muito forte com os pronomes pessoais ou possessivos, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1. Pronomes e alguns paradigmas flexionais de pessoa em Aikanã<sup>6</sup>.

	Pessoal	Possessivo	Básico	Alternativo	Prefixo	Reflexivo	Objeto	Benefactivo
1SG	<i>hisa</i>	<i>txütxü</i>	<i>-ka-</i>	<i>-diza-, -di(a)-</i>	<i>n-, de-</i>	<i>-da-</i>	<i>-a-</i>	<i>-ku-, -kū-</i>
2SG	<i>hīzā</i>	<i>hīzū</i>	<i>-me-</i>	<i>-meza-</i>	<i>h(e)-</i>	<i>-(h)a-</i>	<i>-e-</i>	<i>-u(a)-</i>
3SG	<i>kayne</i>	<i>kaynezū</i>		<i>-keza-</i>		<i>-?a-</i>		<i>-w(e)-</i>
1PL	<i>sate</i>	<i>satezū</i>	<i>-txa-</i>	<i>-txiza-, -txia-</i>	<i>ts(e)-</i>	<i>-(t)sə-</i>	<i>-hāyā-</i>	<i>-kūyā-</i>
2PL	<i>hīzā(zā)</i>	<i>hīzūza</i>	<i>-mea-</i>	<i>-meaza-</i>	<i>h(e)-za-</i>	<i>-(h)aza-</i>	<i>-eyā-</i>	<i>-uāyā-</i>
3PL	<i>kayne?ene</i>	<i>kari?enezū</i>	<i>-dukari-</i>	<i>-keadukari-</i>	<i>-dukari-</i>	<i>-?adukari-</i>	<i>-?eye-</i>	<i>-we?eye-</i>

A Tabela 1 está relativamente simplificada, pois existem talvez dez classes verbais diferentes de declinação e há ainda várias formas irregulares. As motivações semânticas e funcionais para todas essas classes ainda não estão bem entendidas e merecem uma pesquisa mais aprofundada. A língua também distingue morfologicamente vários modos, como declarativo, interrogativo e imperativo.

O uso de pronomes não é obrigatório e um verbo flexionado para pessoa e modo pode representar uma oração completa. Em orações complexas, cláusulas (co)subordinadas tendem a preceder a cláusula principal. Nas cláusulas cossubordinadas, a marcação de referência trocada é obrigatória, indicando se o sujeito da cláusula seguinte será igual ou diferente.

<sup>6</sup> No lugar do pronomes da terceira pessoa *kayne* 'ele, ela, a coisa', usa-se frequentemente um pronomes demonstrativo: *kari* 'aquele'. Para as primeiras pessoas da classe alternativa, também há dois morfemas. O segundo, *-dia-, -txia-* é um alomorfo usado no tempo futuro de verbos de classe alternativa. A diferença funcional entre as classes básica e alternativa não está clara; a maioria dos verbos flexiona de acordo com o paradigma da classe básica. A distinção de declinações verbais em Aikanã está sob investigação.



Além de morfologia flexional, há várias categorias derivacionais. Na língua, existe um sistema abrangente de classificadores. Também há morfemas direcionais, nominalizadores, morfemas que modificam a valência verbal, além de vários outros morfemas derivacionais. Substantivos não têm flexão obrigatória, e a maior parte da complexidade morfológica do Aikanã reside no verbo. Porém, substantivos podem ser morfologicamente bastante complexos devido à alta produtividade de nominalização.

Mesmo que não tenha sido possível comprovar uma relação genética com outras línguas (van der Voort, 2005), Aikanã é estruturalmente similar às duas línguas isoladas vizinhas, Kanoê e Kwazá, em muitos aspectos. Isso provavelmente deve-se à difusão areal característica da região (Crevels e van der Voort, 2008).

## MARCAÇÃO DE TEMPO FUTURO EM AIKANÃ

Em Aikanã, a distinção básica na marcação de tempo é entre futuro e não futuro. O não futuro abrange os tempos de eventos no presente e no passado, e não é marcado morfologicamente. Os exemplos seguintes mostram a conjugação do verbo *hari-* 'tomar banho' no não futuro:

(1) <i>hari-ka-ẽ</i> banhar-1SG-DEC 'Tomei/Tomo um banho'	(2) <i>hari-me-ẽ</i> banhar-2SG-DEC 'Tomas/Tomaste um banho'	(3) <i>hari-ẽ</i> banhar-DEC <sup>7</sup> 'Toma/Tomou um banho'
(4) <i>hari-txa-ẽ</i> banhar-1PL-DEC 'Tomamos um banho'	(5) <i>hari-mia-ẽ</i> banhar-2PL-DEC 'Tomais/Tomastes um banho'	(6) <i>hari-dukari-ẽ</i> banhar-3PL-DEC 'Tomam/Tomaram um banho'

O tempo futuro é marcado no verbo por uma combinação de flexão e derivação. No tempo futuro, o morfema derivacional *-re-* 'FUTURO' é inserido antes do morfema de pessoa (se houver uma). Além disso, o morfema de futuro é sempre precedido por um morfema de primeira pessoa<sup>8</sup>. Para facilitar o entendimento da construção, vale a pena comparar os paradigmas verbais completos. Dos exemplos que vimos acima, as formas respectivas no tempo futuro são:

(7) <i>hari-ka-re-ka-ẽ</i> banhar-1SG-FUT-1SG-DEC 'Vou tomar um banho'	(8) <i>hari-ka-re-me-ẽ</i> banhar-1SG-FUT-2SG-DEC 'Você vai tomar um banho'	(9) <i>hari-ka-re-ẽ</i> banhar-1SG-FUT-DEC 'Ele vai tomar um banho'
(10) <i>hari-txa-re-txa-ẽ</i> banhar-1PL-FUT-1PL-DEC 'Vamos tomar um banho'	(11) <i>hari-txa-re-mia-ẽ</i> banhar-1PL-FUT-2PL-DEC 'Vocês vão tomar um banho'	(12) <i>hari-txa-re-dukari-ẽ</i> banhar-1PL-FUT-3PL-DEC 'Eles vão tomar um banho'

Nesses exemplos, então, independentemente da pessoa do sujeito, o tempo futuro exige um morfema adicional de primeira pessoa. Parece que há concordância entre esta primeira pessoa e a pessoa do sujeito com respeito a número:

<sup>7</sup> Como mencionado na Introdução, a terceira pessoa singular não é marcada morfologicamente.

<sup>8</sup> O acento principal da palavra, que recai normalmente na sílaba final da raiz, recai no tempo futuro no morfema de futuro *-re-*, que pode ser considerado como a última sílaba da raiz derivada.



no futuro de verbos, sujeitos singulares exigem marcação adicional de **-ka-** 'primeira pessoa singular' e sujeitos plurais exigem marcação adicional de **-txa-** 'primeira pessoa plural'.

O uso de marcação adicional de primeira pessoa no tempo futuro parece redundante, pois o tempo futuro já é marcado pelo elemento **-re-** e o verbo já tem marcação de sujeito. É pouco provável que os elementos adicionais **-ka-** e **-txa-** fossem morfemas diferentes de marcadores de pessoa, mas, coincidentemente, homófonos a eles. Argumentos contra tal coincidência são a concordância sistemática com o número do sujeito e o fato de que isso exigiria não somente um, mas dois morfemas coincidentemente homófonos. Também não é provável que os elementos adicionados fizessem parte integral de elementos hipotéticos **\*-kare-** e **\*-txare-**<sup>9</sup>, sejam eles morfemas fossilizados de primeira pessoa ou não.

Tudo indica que os elementos adicionais no tempo futuro **-ka-** e **-txa-** são marcadores de primeira pessoa. Na introdução deste artigo, foram mencionados paradigmas de flexão alternativos para diferentes classes verbais de declinação (ver Tabela 1). A expressão do tempo futuro em classes alternativas confirma e complica a análise. Nota-se, por exemplo, o verbo *hüʔa-* 'ser bom', que é de uma declinação alternativa; no tempo não futuro, morfemas alternativos de pessoa são usados:

- |   |   |   |
|---|---|---|
| (13) <i>hüʔa-di-ě</i><br>bom-1SG-DEC<br>'Eu sou bom'      | (14) <i>hüʔa-me-ě</i><br>bom-2SG-DEC<br>'Você é bom'        | (15) <i>hüʔa-ě</i><br>bom-DEC<br>'Ele é bom'                |
| (16) <i>hüʔa-txi-ě</i><br>bom-1PL-DEC<br>'Nós somos bons' | (17) <i>hüʔa-meaza-ě</i><br>bom-2PL-DEC<br>'Vocês são bons' | (18) <i>hüʔa-dukari-ě</i><br>bom-3PL-DEC<br>'Eles são bons' |

No tempo futuro, os morfemas adicionais de primeira pessoa são também de declinação alternativa. Porém, surpreendentemente, os morfemas da declinação básica são usados para a parte da flexão própria do verbo:

- |  |  |  |
|--|--|--|
| (19) <i>hüʔa-di-re-ka-ě</i><br>bom-1SG-FUT-1SG-DEC<br>'Vou ser bom'          | (20) <i>hüʔa-di-re-me-ě</i><br>bom-1SG-FUT-2SG-DEC<br>'Você vai ser bom'       | (21) <i>hüʔa-di-re-ě</i><br>bom-1SG-FUT-DEC<br>'Ele vai ser bom'               |
| (22) <i>hüʔa-txi-re-txa-ě</i><br>bom-1PL-FUT-2PL-DEC<br>'Nós vamos ser bons' | (23) <i>hüʔa-txi-re-meaza-ě</i><br>bom-1PL-FUT-2PL-DEC<br>'Vocês vão ser bons' | (24) <i>hüʔa-txi-re-dukari-ě</i><br>bom-1PL-FUT-3PL-DEC<br>'Eles vão ser bons' |

A situação é similar em outras classes verbais. Compare, por exemplo, os tempos (não futuro à esquerda, futuro à direita) na classe que envolve prefixos:

<sup>9</sup> Neste artigo, um asterisco implica a inexistência de um morfema ou a não gramaticalidade de uma construção.



(25) <i>n-ãyüma-ẽ</i> 1SG-cheio-DEC 'Estou cheio'	(26) <i>h-ãyüma-ẽ</i> 2-cheio-DEC 'Estás cheio'	(27) <i>ãyüma-ẽ</i> cheio-DEC 'Está cheio'	(28) <i>ts-ãyüma-ẽ</i> 1PL-cheio-DEC 'Estamos cheios'
(29) <i>h-ãyüma-za-ẽ</i> 2-cheio-PL-DEC 'Vocês estão cheios'	(30) <i>ãyüma-dukari-ẽ</i> cheio-3PL-DEC 'Estão cheios'	(31) <i>n-ãyüma-re-ka-ẽ</i> 1SG-cheio-FUT-1SG-DEC 'Vou estar cheio'	(32) <i>n-ãyüma-re-me-ẽ</i> 1SG-cheio-FUT-2SG-DEC 'Vais estar cheio'
(33) <i>n-ãyüma-re-ẽ</i> 1SG-cheio-FUT-DEC 'Vai estar cheio'	(34) <i>ts-ãyüma-re-txa-ẽ</i> 1PL-cheio-FUT-1PL-DEC 'Vamos estar cheios'	(35) <i>ts-ãyüma-re-mia-ẽ</i> 1PL-cheio-FUT-2PL-DEC 'Vocês vão estar cheios'	(36) <i>ts-ãyüma-re-dukari-ẽ</i> 1PL-cheio-FUT-3PL-DEC 'Vão estar cheios'

Compare também a situação com verbos como *ura-* 'rir', que em Aikanã é reflexivo:

(37) <i>ura-da-ẽ</i> rir-1SG-DEC 'Estou rindo'	(38) <i>ura-a-i</i> rir-2SG-INT 'Estás rindo?'	(39) <i>ura-?a-ẽ</i> rir-3SG-DEC 'Está rindo'	(40) <i>ura-tsa-ẽ</i> rir-1PL-DEC 'Estamos rindo'
(41) <i>ura-(h)aza-ẽ</i> rir-2PL-DEC 'Vocês estão rindo'	(42) <i>ura-?adukari-ẽ</i> rir-3PL-DEC 'Estão rindo'	(43) <i>ura-da-re-ka-ẽ</i> rir-1SG-FUT-1SG-DEC 'Eu vou rir'	(44) <i>ura-da-re-me-ẽ</i> rir-1SG-FUT-2SG-DEC 'Tú vais rir'
(45) <i>ura-da-re-ẽ</i> rir-1SG-FUT-DEC 'Ele vai rir'	(46) <i>ura-tsa-re-txa-ẽ</i> rir-1PL-FUT-1PL-DEC 'Nós vamos rir'	(47) <i>ura-tsa-re-mia-ẽ</i> rir-1PL-FUT-2PL-DEC 'Vocês vão rir'	(48) <i>ura-tsa-re-dukari-ẽ</i> rir-1PL-FUT-3PL-DEC 'Eles vão rir'

A distribuição das flexões não básicas em tempos verbais diferentes implica várias coisas. Em primeiro lugar, serve de evidência para afirmar que os elementos que parecem morfemas redundantes de primeira pessoa realmente são morfemas de primeira pessoa; do contrário, teríamos que supor que existem ainda mais morfemas de tempo futuro além de *\*-kare-* e *\*-tsare-*, a saber: *\*-dire-* e *\*-txire-*; *\*n-re-* e *\*ts-re-*, entre outros. É pouco provável que exista tal quantidade de morfemas diferentes com formas parecidas para a mesma função.

Além disso, a distribuição da flexão alternativa em tempos verbais diferentes leva-nos a entender o seguinte sobre o sistema de flexão pessoal em Aikanã. Primeiramente, no tempo não futuro, o morfema de pessoa expressa três categorias gramaticais:

I pessoa do argumento referenciado (primeira, segunda, terceira);

II número do argumento (singular, plural);

III classe de declinação verbal (básica, alternativa etc.).



No tempo futuro, há mais uma quarta categoria expressa: tempo. Nesse caso, o morfema de pessoa supostamente redundante (a primeira flexão) contribui para a expressão de:

- II número do argumento (singular, plural);
- III classe de declinação verbal (básica, alternativa etc.);
- IV tempo (futuro, futuro remoto).

Consequentemente, no tempo futuro, a flexão própria do verbo, ou seja, a segunda ocorrência do morfema pessoal, é neutra com relação à classe verbal (pois é sempre uma forma básica), mas que expressa:

- I pessoa do argumento referenciado (primeira, segunda, terceira);
- II número do argumento (singular, plural).

Então, no tempo futuro, os dois morfemas de pessoa concordam entre si com relação ao número do argumento nuclear (sujeito ou objeto), mas somente o segundo corresponde também à pessoa do argumento nuclear.

## FUTURO REMOTO

Além do futuro básico, existe outro morfema em Aikanã, **-ta-** 'FUTR', que expressa o futuro remoto. Este morfema ocorre no mesmo tipo de construção que **-re-** 'FUT' e ocupa a mesma posição dentro da palavra. O verbo *huhu*-'estar com vergonha', que é um dos que exige flexões pessoais alternativas, serve para ilustrar o morfema do futuro remoto:

(49) <i>huhu-di-ě</i>	(50) <i>huhu-me-ě</i>	(51) <i>huhu-ě</i>	(52) <i>huhu-txi-ě</i>
vergonha-1SG-DEC	vergonha-2SG-DEC	vergonha-DEC	vergonha-1PL-DEC
'Estou com vergonha'	'Estás com vergonha'	'Está com vergonha'	'Estamos com vergonha'
(53) <i>huhu-meā-ě</i>	(54) <i>huhu-dukari-ě</i>	(55) <i>huhu-di-ta-ka-ě</i>	(56) <i>huhu-di-ta-me-ě</i>
vergonha-2PL-DEC	vergonha-3PL-DEC	vergonha-1SG-FUTR-1SG-DEC	vergonha-1SG-FUTR-2SG-DEC
'Vocês estão com vergonha'	'Estão com vergonha'	'Vou estar com vergonha'	'Vais estar com vergonha'
(57) <i>huhu-di-ta-ě</i>	(58) <i>huhu-txi-ta-txa-ě</i>	(59) <i>huhu-txi-ta-mia-ě</i>	(60) <i>huhu-txi-ta-dukari-ě</i>
vergonha-1SG-FUTR-DEC	vergonha-1PL-FUTR-1PL-DEC	vergonha-1PL-FUTR-2PL-DEC	vergonha-1PL-FUTR-3PL-DEC
'Vai estar com vergonha'	'Vamos estar com vergonha'	'Você们 vão estar com vergonha'	'Vão estar com vergonha'

## A ORIGEM DA CONSTRUÇÃO FUTURA EM AIKANÃ

Tendo identificado os elementos acrescidos a **-re-** 'FUT' ou **-ta-** 'FUTR' como morfemas de primeira pessoa singular e plural, a próxima questão é: como explicar a ocorrência destes morfemas pessoais adicionais? Seriam ornamentos redundantes, vestígios de processos no desenvolvimento histórico da língua, hoje desconhecidos? Ou é ainda possível interpretar a construção sincronicamente? Perguntando aos falantes nativos sobre isso, eles não oferecem



outra explicação a não ser: “É assim mesmo; a nossa língua é muito diferente do português”. Como os primeiros documentos da língua foram escritos há menos de cem anos, sabemos muito pouco sobre a história do Aikanã. E não está muito claro se, a partir do Aikanã contemporâneo, existe uma maneira de entender a construção. Porém, o fenômeno de dupla marcação de pessoa em certos tempos e modalidades também existe, e faz sentido, em outras línguas, inclusive algumas línguas do sul de Rondônia, como Kwazá e Wari’.

## A CONSTRUÇÃO CITATIVA EM KWAZÁ

Na língua Kwazá, uma língua vizinha com 25 falantes, a marcação recursiva de pessoa é característica para citação de fala (van der Voort, 2002, 2009). Em Kwazá, quase toda citação de fala é direta e envolve tanto a perspectiva da pessoa falante quanto da pessoa que faz a citação, sendo expressada no verbo por morfemas pessoais. A construção citativa de Kwazá é ilustrada pelos seguintes exemplos<sup>10</sup>:

- |   |   |   |
|---|---|---|
| (61) <i>kukuihĩ-da-ki</i><br>doente-1SG-DEC<br>'Estive/estou doente'                              | (62) <i>kukuihĩ-xa-re=da-ki</i><br>doente-2-INT=1SG-DEC<br>'Perguntei se você está doente'<br>(UT: "Eu falei: 'Você está doente?'") | (63) <i>tokoiri-da-ki=Ø-tse</i><br>cansar-1SG-DEC=3-DEC<br>'Ela fala que ela está cansada'<br>(UT: "Ela fala: 'Estou cansada'")               |
| (64) <i>kukuihĩ-da-ki=da-ki</i><br>doente-1SG-DEC=1SG-DEC<br>'Falo/falei que estive/estou doente' | (65) <i>kukuihĩ-xa-ki=xa-ki</i><br>doente-2-DEC=2-DEC<br>'Você fala que eu estou doente'<br>(UT: "Você fala: 'Você está doente'")   | (66) <i>tokoiri-Ø-ki=Ø-tse</i><br>cansar-3-DEC=3-DEC<br>'Ela fala que ela está cansada'<br>(UT: "Ela fala: 'Ela está cansada'") <sup>11</sup> |

A construção citativa em Kwazá não envolve um verbo 'dizer'. Pode-se imaginar que isso existia historicamente e que mais tarde tal verbo foi omitido, enquanto as flexões de pessoa e modo foram preservadas, só que em uma segunda camada flexional cliticizada ao verbo que, por sua vez, já era flexionado. A estrutura da construção citativa pode ser representada na seguinte maneira:

- (67) [[verbo-PESSOA-MODO]=PESSOA-MODO]  
evento citado evento de citação

A construção citativa do Kwazá não é usada somente para citação de fala, mas também para comunicar modalidades, como desiderativo, dubitativo, preventivo e até um tipo de tempo futuro. A expressão do tempo futuro canônico em Kwazá é diferente de Aikanã, e envolve um morfema só, *-na-* 'FUT':

<sup>10</sup> Note-se que Kwazá é similar a Aikanã com respeito à expressão da terceira pessoa singular, que não é marcada no verbo. Aqui, a terceira pessoa está indicada com um zero somente nos exemplos (63) e (66), e foi deixada implícita nos demais exemplos relevantes, como (71), (72) etc. Também o tempo não futuro não é marcado no verbo. Diferente do Aikanã, Kwazá não tem classes verbais de declinação.

<sup>11</sup> A forma envolvendo encaixamento da segunda pessoa, *tokoiri-xa-ki=tse*, tem duas interpretações possíveis: 'Ela fala que eu estou cansado' (citação direta) ou 'Ela fala que você está cansado' (citação indireta).



- (68) *ε-xa-re*  
ir-2-INT  
'Você foi/está indo embora?'
- (69) *ε-nã-xa-re*  
ir-FUT-2-INT  
'Você vai/ quer ir embora?'

Existe uma maneira alternativa de expressar o futuro, envolvendo o modo volitivo, encaixado numa construção citativa interrogativa<sup>12</sup>:

- (70) *ε-da-mĩ=xa-re*  
ir-1SG-VOL=2-INT  
'Você está indo embora?'

É possível considerar este exemplo como citativo, interpretando-se literalmente: "Você falou: 'Eu vou embora!'?". Porém, é mais provável que se faça esta pergunta a alguém que mostre sinais de estar querendo ir embora, mas que não necessariamente falou *εdamĩ* 'Vou-me embora!'. A mesma construção é usada também com sujeitos que não têm fala humana, como animais:

- (71) *tãlo-nã-tse*  
raiva-FUT-DEC  
'Vai ficar/está ficando bravo!'
- (72) *tãlo-da-mĩ=tse*  
raiva-1SG-VOL=DEC  
'Está ficando bravo!'

Os exemplos tratam da situação na qual o falante que faz a citação avisa ser perigoso se aproximar de um cachorro, o que dá para perceber, por exemplo, porque o cachorro está rosando ou está mostrando os dentes. Apesar de cachorros não falarem, o exemplo (72) significa literalmente: "Ele falou: 'Eu vou ficar bravo!'". Os seguintes exemplos mostram que, na construção citativa, nem é exigido que o sujeito seja animado:

- (73) *awe-nã-tse*  
chover-FUT-DEC  
'Vai chover'
- (74) *awe-da-mĩ=tse*  
chover-1SG-VOL=DEC  
'Está querendo chover'

Processos inanimados, como 'chover', nunca se anunciam por meio de fala direta, mas, mesmo assim, são comumente representados desta maneira nas estruturas gramaticais de Kwazá. Então, gramaticalmente, os exemplos mostram citação de fala, mas pragmaticamente não é necessário que alguma coisa tenha sido dita. De fato, exemplos como (74) sugerem que nessa combinação os morfemas flexionais da primeira pessoa e do volitivo estão perdendo os seus valores pessoal e modal, sendo reanalisados, fossilizando-se juntos para virarem um só morfema derivacional: *-damĩ-* 'querer/futuro imediato'<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> Ambas as construções futura canônica e volitiva citativa podem ser usadas para expressar tempo futuro. Porém, há diferenças modais sutis entre essas construções, as quais não serão discutidas aqui.

<sup>13</sup> Em certas circunstâncias, *damĩ-* 'querer' é usado até como raiz verbal. Como o processo de mudança histórica de morfemas flexionais virando derivacionais e lexicais vai em direção contrária ao da gramaticalização, foi caracterizado como desgramaticalização em van der Voort (2002) e Norde (2009).



Como foi visto mais acima, a construção citativa em Kwazá é muito produtiva na fala direta, e pode envolver qualquer pessoa e qualquer modo. Mas a construção se espalhou na gramática, assumindo funções não claramente citativas, como os últimos exemplos mostraram. Isso provavelmente levou ao surgimento de novos morfemas de modalidade, resultantes de antigos morfemas de modo.

Outro caso de desgramaticalização em andamento parece ser o morfema flexional modal exortativo *-ni*:

(75) *kawe kui-ni*

já beber- EXH

'Deixa ele tomar café!'

(76) *ja kui-ni=da-ki*

já beber- EXH=1SG-DEC

'Já deixei beber' (LIT: "Já falei: 'Deixa ele beber!'"')

Provavelmente, a construção citativa levou ao surgimento de um novo morfema derivacional com valor final (aqui chamado 'causacional') *-ni*:

(77) *kurakura ja-di-da-ki ūi-ni-da-ta*

galinha comer-CAU-1SG-DEC deitar-CAUS-1SG-CSO

'Estou dando comida às galinhas para elas dormirem (logo)'

(LIT: "Estou dando comida às galinhas, falando: 'Deixa elas dormirem!'"')

Em Kwazá, o elemento derivacional *-heta* 'DESIDERATIVO' nunca ocorre no final do verbo, posição canônica dos morfemas de modo. Porém, é possível que *-heta* tenha sido um morfema de modo numa fase anterior da língua, o que é sugerido pela dupla marcação de pessoa:

(78) *txa kui-da-heta-xa-re*

chá beber-1SG-DESI-2-INT

'Você está com vontade de tomar chá?' (LIT: "Você quer: 'Eu tomo chá?'"')

Provavelmente, o morfema *\*-heta* perdeu sua produtividade como flexão de modo e, consequentemente, sua posição final, mas o seu encaixamento numa estrutura citativa com dupla marcação de pessoa foi preservado e é ainda produtivo. O morfema *-heta* ocorre somente em construções de dupla marcação de pessoa e, mesmo que não seja (mais) um morfema de modo, as construções em que ocorre fazem sentido somente se interpretadas como citativas.

## CONSEQUÊNCIAS PARA A EXPLICAÇÃO DA NATUREZA DO FUTURO EM AIKANÁ

Vimos que em Kwazá há uma construção gramaticalmente citativa que não é necessariamente usada para citação literal de fala. Além de citação própria, a construção citativa contribui para a expressão de outras funções gramaticais, como futuro imediato, final/causal e desiderativo. Nestas funções, a citação de fala pode ser considerada como uma metáfora para intenções, desejos, pensamentos etc. Esse fenômeno é encontrado em muitas línguas do mundo e é chamado de citação fictícia, ou interação fictícia em literatura recente (Pascual, 2002, 2006). Observe o seguinte exemplo do português:

(79) Ele se achava o máximo e agiu tipo: 'Sou o melhor'.



Nas línguas indo-europeias como português, inglês, holandês e outras, a interação fictícia geralmente é uma maneira considerada informal para expressar reflexões e intenções<sup>14</sup>. Ela representa uma alternativa às construções mais formais que expressam evidencialidade, finalidade, condicionalidade etc., por meio de cláusulas subordinadas e conjunções ou advérbios dedicados. Uma perífrase mais formal do exemplo anterior pode ser:

- (80) Ele se achava excelente e pareceu pensar que era o melhor.

Nessas línguas, a citação fictícia pertence aos registros informais e não é característica, por exemplo, da língua escrita. Em várias línguas indígenas de outras partes do mundo, citação fictícia não tem esta conotação informal e tende a ser gramaticalizada como uma ou, às vezes, a única maneira de expressar certas modalidades e tempos<sup>15</sup>. É o caso de Kwazá e, aparentemente, também de Aikanã.

Para citação de fala, existem em Aikanã construções sintáticas que envolvem o verbo 'falar' e um complemento nominalizado, ou uma sentença justaposta, expressando a citação. Estas construções não servem para indicar outras modalidades metaforicamente. Porém, a dupla marcação de pessoa que caracteriza a construção do tempo futuro em Aikanã somente faz sentido se for interpretada literalmente como citativa. Então, o significado original do exemplo (8), *hari-ka-re-me-ẽ* 'Tu vais tomar um banho', deve ser entendido literalmente como "Tu falaste: 'Tomarei um banho'". Note que a interpretação citativa não é muito produtiva em Aikanã; não há encaixamento da perspectiva de outras pessoas além da primeira, nem de modos diferentes. A construção serve somente para tempo futuro, o que explica que a dupla marcação de pessoa envolve somente aqueles morfemas da primeira pessoa como morfemas adicionais.

## TEMPO FUTURO E CITAÇÃO EM WARI

Construções similares às de Aikanã e Kwazá foram atestadas em Wari', uma língua da família Txapakura com aproximadamente 2.000 falantes no oeste de Rondônia. Em Wari', ambos o tempo futuro e a citação de fala direta envolvem uma construção citativa produtiva. Os seguintes exemplos ilustram que a construção citativa em Wari' tem estas duas interpretações:

- (81) *mao ta' ma?* (Everett e Kern, 1997, p. 321)

ir.SG 1SG.RF 2SG.RP/P

'Você vai?'

(lit: "Eu vou", você (fala)?")

<sup>14</sup> A tradução do exemplo (74) mostra que até o futuro imediato de processos inanimados pode ser expresso em português por meio de interação fictícia.

<sup>15</sup> De fato, a hipótese de Esther Pascual, apresentada em conferência no Cognitive Science Colloquium (Case Western Research University, Ohio, Estados Unidos, 16 abr. 2011), e Pascual e de Vries, no Sociolinguistics Symposium 17 (Vrije Universiteit e Meertens Instituut, Amsterdam, Países Baixos, 3 abr. 2008), considera a existência de uma conexão entre a produtividade de citação fictícia gramaticalizada em muitas línguas não indo-europeias e o fato de essas línguas nunca terem desenvolvido uma tradição de escrever. Como foi sugerido por Masayoshi Shibatani (comunicação pessoal), pode-se imaginar que a citação fictícia é uma operação cognitivamente menos complicada, envolvendo um jogo de perspectivas mais concreto, como se fosse uma pequena peça de teatro, enquanto as construções formais encontradas nas línguas escritas são mais elaboradas gramaticalmente e levam mais tempo para serem processadas.



- (82) *mama' xi' nana hwijima'* (Everett e Kern, 1997, p. 321)  
ir.PL 1PL.INCL.RF 3PL.RP crianças  
'As crianças vão'  
(LIT: "'Nós vamos', as crianças (falam)")

Esta construção foi discutida como “construção de estado intencional” em Everett (2008).

### ANÁLISES ANTERIORES DO FUTURO EM AIKANÃ

Becker-Donner (1955) e Hanke (1956) foram as primeiras pesquisadoras que tentaram analisar um pouco a flexão verbal de Aikanã. Elas observaram que os verbos em Aikanã não pareciam obedecer a regras, e que mereciam pesquisa de campo aprofundada. Algumas décadas mais tarde, outras pesquisadoras conseguiram entender parcialmente o mecanismo que caracteriza a construção do futuro nesta língua.

O futuro em Aikanã foi investigado por Pamela Morgan (1993), cujos dados eram baseados nas notas de campo de Harvey Carlson (ver Introdução). Morgan identificou a dupla marcação de pessoa, mas não conseguiu entender o mecanismo responsável com base nos dados disponíveis, que eram esparsos e não suficientemente analisados<sup>16</sup>.

Em seu artigo preliminar sobre marcadores de pessoa, Vasconcelos (1996) não identifica a dupla marcação de pessoa, mas hipotetizou corretamente que tempo futuro e outras modalidades, como intenção e desejo, estão relacionados. Na sua tese doutoral, Vasconcelos (2002) tampouco identificou a dupla marcação de pessoa e postulou que os elementos adicionais faziam parte integral de vários morfemas segmentáveis diferentes de futuro: *\*-ka-re-*, *\*-txa-re-* etc. No entanto, ela notou que esses morfemas não somente contribuem à marcação de tempo futuro, mas também indicam o número do sujeito do verbo.

Depois de achar uma solução para um quebra-cabeça como este, fica mais fácil apontar falhas em análises anteriores. No entanto, trata-se de um fenômeno que deixa o pesquisador quase cego, mesmo que todos os ingredientes da solução estejam bem à frente dos olhos. No meu caso, foi o tipólogo Nick Evans (comunicação pessoal) quem me sugeriu o mecanismo citativo em Aikanã, apesar de eu já ter descoberto o mesmo mecanismo em Kwazá e entendido aquele em Wari'. A partir do que sabemos hoje, as descobertas das linguistas Morgan e Vasconcelos, quando tomadas em conjunto, chegam a constituir a explicação da construção.

### ORIGENS POSSÍVEIS DO FUTURO EM AIKANÃ

O tempo futuro em Aikanã é expresso por meio de uma construção gramatical, digamos, um tanto esquisita para a língua. Vimos que se trata de uma construção citativa, que, aliás, não é usada para citação própria, ao contrário do que se podia esperar. De fato, consegui entender a maneira de expressar o tempo futuro em Aikanã somente por meio de outras línguas, nas quais construções citativas abrangem também a expressão de várias modalidades e processos mentais. A próxima questão é: de onde vem esta construção em Aikanã?

Há várias possibilidades. Uma explicação seria que numa fase anterior da língua, que não foi documentada, havia uma construção para citação própria de fala direta. Esta construção era também usada para outras modalidades,

<sup>16</sup> MORGAN, Pamela. Some comments on the future markers. In: HINTON, Leanne (Org.). Aikanã Modules: a class report on the fieldnotes of Harvey Carlson, 1993 [Datilografado]. Universidade da Califórnia, Berkeley.



inclusive para intencionalidade, que acabou gramaticalizada para indicar tempo futuro. Quando a construção original perdeu sua produtividade original e foi substituída por outras construções, ela continuou a ser usada para o tempo futuro. Dessa maneira, a expressão do tempo futuro representa um vestígio de uma construção anterior com uso mais abrangente. Não temos evidência clara para tal hipótese<sup>17</sup>.

É conspícuo que na língua vizinha Kwazá a mesma construção seja muito produtiva. Ambas, Aikanã e Kwazá, são consideradas línguas isoladas, porém existem similaridades marcantes entre as duas. Se Aikanã e Kwazá fossem relacionadas geneticamente como membros de uma família muito antiga, isso explicaria talvez a existência da construção citativa em Aikanã. Infelizmente, para esta hipótese, relacionada à anterior, tampouco existe evidência suficiente.

Outra possibilidade seria que Aikanã adotou a construção citativa por meio de contato com outras línguas. Mesmo que não haja muitos empréstimos lexicais para identificar contatos diretos entre línguas específicas, tradições antigas de contato em uma região podem levar ao espalhamento de traços gramaticais, independente das possíveis fronteiras genéticas entre as línguas envolvidas. Esse tipo de 'difusão areal' foi originalmente associado com a região balcânica e foi identificado depois em várias outras partes do mundo, como no noroeste da América do Norte, na Índia, no noroeste da Amazônia e, recentemente, na região do Guaporé. Em Crevels e van der Voort (2008), foi levantada a hipótese de que a região do vale dos rios Guaporé e Mamoré pode representar uma área linguística na qual vários traços gramaticais se espalharam, por exemplo, tipos específicos de classificadores, morfemas de valência verbal, expressões possessivas etc., apesar de as línguas pertencerem a famílias diferentes.

Citação fictícia provavelmente é um traço gramatical que caracteriza uma subárea linguística que inclui Aikanã e Kwazá. Outras semelhanças tipológicas entre Aikanã e Kwazá parecem confirmar a existência de uma antiga ligação entre as duas línguas, que são vizinhas desde tempos imemoriais. Esta subárea inclui também a língua isolada Kanoê, apesar de ela não possuir uma construção citativa similar<sup>18</sup>. Há menos evidência para a inclusão das línguas Txapakura em tal área linguística, mas a semelhança da construção citativa em Wari' pode implicar isso, como também foi sugerido por Everett (2008, p. 386). É importante notar que há similaridades nas construções citativas nessas três línguas, não somente nos planos funcionais, semânticos e estruturais, mas também com respeito à forma concreta: em todas elas, as construções envolvem a ausência de um verbo 'falar'.

Uma última explicação possível é que o surgimento de uma construção citativa para expressar outras modalidades representa uma tendência mais universal em processos de gramaticalização. Na seção seguinte, serão mencionados alguns casos de citação fictícia gramaticalizada em outras partes do mundo.

## OUTRAS LÍNGUAS

A gramaticalização da construção citativa como padrão para a expressão de outras modalidades e processos mentais (por exemplo, intenções e pensamentos) não está limitada às línguas amazônicas. Na língua andina Quechua, por exemplo, o fenômeno foi atestado por Adelaar (1990). Nesta língua, o verbo 'falar' é também usado para expressar processos ou estados mentais como se fossem citações de fala direta:

<sup>17</sup> Há dados de Aikanã que sugerem a existência de construções de citação fictícia para expressar outras modalidades, mas a análise está com ambiguidades e exige pesquisa adicional de campo.

<sup>18</sup> Apesar de Kanoê ter fenômenos curiosos envolvendo marcação recorrente de pessoa (Bacelar, 2004).



- (83) *Mana-chu-s ri-sak ri-sak-chu-s ñi-k ina-s ayni-kacha-rka-n.*  
 não-INT-HRS ir-1SG.FUT ir-1SG.FUT-INT-HRS falar-NOMZ assim-HRS responder-HESIT-PASS-3SG

'Ele hesitou em dar uma resposta, como se estivesse indeciso se deveria ir ou não'  
 (lit: "Estava demorando para responder como se fosse dizendo: 'Será que eu não vou ou vou?'" (Adelaar, 1990, p. 5)

Apesar do uso do verbo *ñi-* 'falar', este é um exemplo de citação fictícia porque, de acordo com o próprio conteúdo da sentença, o estado de hesitação mental na decisão pelo sujeito não foi expresso verbalmente. Adelaar (1990) acrescenta que citação fictícia é atestada também em outras línguas andinas, como Aymara e Mapuche, sugerindo difusão areal do fenômeno.

Citação fictícia está tampouco limitada às Américas. Em várias línguas da família Trans Nova Guiné, intenções são obrigatoriamente expressas em construções citativas, como em Wambon:

- (84) *oi takhimo-p ne-mbel-o ka-tmbo*  
 porco comprar-1SG.INTEN falar-SEQ.SI-COORD ir-3SG.PASS  
 'Ele foi comprar um porco' (De Vries e De Vries-Wiersma, 1992)  
 (lit: "Ele falou: 'Vou comprar um porco'"

Na língua Hua, condicionais são expressos obrigatoriamente numa sequência discursiva de pergunta e resposta:

- (85) *e-si-ve baigu-e*  
 vir-3SG.FUT-INT ficar-1SG  
 'Se ele vem, eu vou ficar' (lit: 'Ele vai vir? Eu fico') (Haiman, 1978, p. 570)

A construção citativa fictícia é também atestada em outras línguas Trans Nova Guiné, como Usan (Reesink, 1993). De Vries (1990) sugeriu que entre as línguas Dani e Awyu provavelmente há difusão areal de citação fictícia.

Em línguas australianas, a citação fictícia foi também atestada. Na língua Warrwa (Nyulnyul), o verbo 'falar' expressa também intenções não verbalizadas:

- (86) *ngul ka-na-ngka-ma-ngany ø-ji-na-yarri-yina marlu*  
 arpão 1.NOM.FUT-TR-FUT-colocar-APL 3.MIN.NOM-falar-IMP-SEQ-3.MIN.OBL não  
 'Ele tentou arpoar (o bicho), mas falhou' (McGregor, 2007, p. 35)

Na língua Kuuk Thaayorre (Pama-Nyungna), o verbo 'falar' significa também 'pensar' e 'conhecer', mesmo para não humanos<sup>19</sup>:

- (87) *nhul yik-r thatr=okun ranth-in ngaathirr wun*  
 ele.NOM falar-PAS.PFV sapo=DUB buraco-DAT ainda deitar.NPAS  
 'Ele (o cachorro) pensou que o sapo ainda podia estar no buraco'  
 (lit: "Ele (o cachorro) falou: 'O sapo ainda podia estar no buraco'" (Gaby, 2006, p. 539)

<sup>19</sup> Note-se a similaridade neste aspecto com o exemplo (72) de Kwazá.



McGregor (2007, p. 38) sugere que construções baseadas em citação fictícia se espalharam na região Kimberley por difusão areal.

Igualmente, citação fictícia na expressão de intencionalidade foi atestada em línguas africanas. Veja o seguinte exemplo da língua Shona (Bantu):

(88)	<i>ma-kudo</i>	<i>aka-ti</i>	<i>ti-dye</i>	<i>mabarwe</i>	<i>ndoku-furwa</i>
	6-babuíno	6:PAS.REM -QV	1PL-comer:SUB	milho	CONS-ser.baleado

'Os babuínos tentaram comer o milho, mas foram baleados'  
(lit: "Os babuínos falaram/pensaram: 'Vamos comer o milho!', e foram baleados") (Hannan, 1984, p. 646)

Na obra monumental de Güldemann (2008), gramaticalização e difusão areal de construções citativas para expressar categorias modais, temporais e aspectuais são discutidas e ilustradas pelo continente inteiro.

A gramaticalização de citação fictícia parece ter uma distribuição universal, pois construções baseadas nesse fenômeno têm surgido independentemente em todos os continentes discutidos aqui. Além disso, vale a pena notar que em todas as regiões atestou-se a difusão areal dessas construções.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção gramaticalmente citativa não é necessariamente para citação literal de fala. Além de citação própria, a construção citativa é usada em muitas línguas para expressar categorias modais e temporais, como reflexão, intenção, desiderativo, finalidade, incoativo, futuro, entre outras funções gramaticais. Em línguas como Aikanã e Kwazá, a construção citativa envolvendo recursão de flexão pessoal não é utilizada essencialmente para indicar quem foi o falante, mas para mostrar a perspectiva de que o evento está apresentado.

Pode-se perguntar se a construção de futuro em Aikanã foi interpretada como citativa em algum momento no passado. Não há indicações de que, na história da língua, os elementos *-re-* 'FUT' e *-ta-* 'RFUT' tenham funcionado como morfemas finais de modo, igual a *-é* 'DEC' e *-i* 'INT'. Isso pode indicar que a construção de futuro representa um padrão baseado num modelo disponível em línguas vizinhas. Prováveis contatos antigos, pelo menos entre os Aikanã e Kwazá, podem ter contribuído para o espalhamento areal da construção citativa. É verdade que tais construções surgiram independentemente em outras regiões, o que sugere uma tendência mais universal. Porém, difusão areal de tais construções entre as línguas locais foi atestada dentro de todas essas regiões, o que parece também a melhor explicação para a construção em Aikanã.

Este artigo representa um primeiro levantamento das questões envolvidas na construção citativa em Aikanã. É possível que trabalho de campo dedicado a tais questões leve a novas descobertas e a um melhor entendimento da construção e do seu desenvolvimento em Aikanã.

## AGRADECIMENTOS

Os dados das línguas Aikanã e Kwazá vêm do meu próprio trabalho de campo. Agradeço às comunidades Aikanã e Kwazá, pela hospitalidade de sempre. Agradeço mais especificamente aos meus professores Mário, Raimunda, Manoel e Dalvino, pelo ensino das suas línguas nativas. Agradeço também a Ana Paula Brandão, Nick Evans, Esther Pascual, Masayoshi Shibatani e Lourens de Vries, pelo intercâmbio sobre o assunto de citação fictícia. Agradeço à Gessiane Picanço e ao avaliador anônimo do Boletim pelos comentários e pelas correções. Agradeço à Organização



Neerlandesa de Pesquisa Científica (NWO) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Pará (FAPESPA), pelo apoio financeiro aos meus projetos de pesquisa, dos quais este artigo é um dos resultados; à FUNAI e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelas autorizações e licenças concedidas. Os meus professores e colegas citados neste artigo não necessariamente concordam com as minhas interpretações. A responsabilidade pelo conteúdo deste artigo é só minha.

## ABREVIATURAS

APL	aplicativo	NOMZ	nominalizador
C	consoante	NPAS	não passado
CAU	causativo	OBL	oblíquo
CAUS	causacional	PAS.PFV	passado perfectivo
CONS	consecutivo	PAS.REM	passado remoto
COORD	coordenador	PASS	passado
CSO	cossubordinativo	PL	plural
DAT	dativo	QV	verbo quotativo
DEC	declarativo	RF	modo real futuro
DESI	desiderativo	RP/P	modo real passado/presente
DUB	dubitativo	SEQ	sequencial
EXH	exortativo	SG	singular
FUT	futuro	SI	sujeito idêntico
FUTR	futuro remoto	SUB	subjuntivo
G	glide	TR	transitivador
HESIT	hesitação	V	vogal
HRS	de outiva ( <i>hearsay</i> )	VOL	volitivo
IMP	imperativo	1 <sup>o</sup>	1 <sup>a</sup> pessoa objeto
INCL	inclusivo	2 <sup>SG</sup>	2 <sup>a</sup> pessoa singular
INF	infinitivo	3 <sup>PL</sup>	3 <sup>a</sup> pessoa plural
INT	interrogativo	6	classe nominal
INTEN	intencional	=	fronteira de clítico
LIT	literal	-	fronteira morfológica
MIN	minimal	.	fronteira semântica
NOM	nominativo		

## REFERÊNCIAS

- ADELAAR, Willem F. H. The role of quotations in Andean discourse. In: PINKSTER, Harm; GENEE, Inge (Orgs.). **Unity in diversity**: papers presented to Simon C. Dik on his 50th birthday. Dordrecht/Providence: Foris, 1990. p 1-12.
- ALBERT, Claude P. Americo Casara: conquistador pacifique de l'Amazonie. **Lettre d'Amazonie**, v. 7, p. 7-11; v. 8, p. 6-13, 1964.
- BACELAR, Laércio. **Gramática da língua Kanoê**: descrição gramatical de uma língua isolada e ameaçada de extinção, falada ao sul do estado de Rondônia, Brasil. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Katholieke Universiteit, Nijmegen, 2004.



BECKER-DONNER, Etta. Notizen über einige Stämme an den rechten Zuflüssen des Rio Guaporé. *Archiv für Völkerkunde*, v. 10, p. 275-343, 1955.

CASPAR, Franz. **Die Tupari**: ein Indianerstamm in Westbrasilien. Berlin: Walter de Gruyter, 1975. (Monographien zur Völkerkunde herausgegeben vom Hamburgischen Museum für Völkerkunde, VII).

CREVELS, Mily; VAN DER VOORT, Hein. The Guaporé-Mamoré region as a linguistic area. In: MUYSKEN, Pieter (Org.). **From linguistic areas to areal linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008. p. 151-179 (Studies in Language Companion, Series 90).

DE VRIES, Lourens J. Some remarks on direct quotation in Kombai. In: PINKSTER, Harm; GENEE, Inge (Orgs.). **Unity in diversity**: papers presented to Simon C. Dik on his 50th birthday. Dordrecht/Providence: Foris, 1990. p. 291-309.

DE VRIES, Lourens J.; DE VRIES-WIERSMA, Robinia. **The morphology of Wambon of the Irian Jaya Upper-Digul area with an introduction to its phonology**. Leiden: KITLV Press, 1992. (Verhandelingen van het Koninklijk Instituut voor Taal-, Land- en Volkenkunde, 151).

DEQUECH, Victor. Expedição Urucumacuan: notas do diário de viagem, 1941-1943. **Alto Madeira**, Porto Velho, Caderno 2, p. 1-4, 3-4 jul. 1988; Caderno 3, p. 1-4, 11-12 dez. 1988; Caderno 3, p. 1-4, 30-31 maio 1993; Caderno 3, p. 1-6, 10-11 jun. 1993.

EVERETT, Daniel. Wari' intentional state constructions. In: VAN VALIN, Robert (Org.). **Investigations of the syntax-semantics-pragmatics interface**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008. p. 381-409.

EVERETT, Daniel; KERN, Barbara. **Wari'**: the Pacaas Novos Language of Western Brazil. London: Routledge, 1997.

GABY, Alice. **A Grammar of Kuuk Thayorre**. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Melbourne, Melbourne, 2006.

GÜLDEMANN, Tom. **Quotative indexes in African languages**: a synchronic and diachronic survey. Berlin: De Gruyter Mouton, 2008. (Empirical Approaches to Language Typology, 34).

HAIMAN, John. Conditionals are topics. *Language*, v. 54, n. 3, p. 564-589, 1978.

HANKE, Wanda. Beobachtungen über den Stamm der Huari (Rio Corumbiara, Brasilien). *Archiv für Völkerkunde*, v. 11, p. 67-82, 1956.

HANNAN, Michael. **Standard Shona dictionary**. Harare/Bulawayo: College Press, 1984.

MCGREGOR, William B. A desiderative complement construction in Warrwa. In: SIEGEL, Jeff; LYNCH, John; EADES, Diana (Orgs.). **Language description, history and development**. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 27-40.

NORDE, Muriel. **Degrammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

NORDENSKIÖLD, Erland. **Forskningar och Äventyr i Sydamerika**. Stockholm: Albert Bonniers Förlag, 1915.

PASCUAL, Esther. Fictive interaction within the sentence. *Cognitive Linguistics*, v. 17, n. 2, p. 245-267, 2006.

PASCUAL, Esther. **Imaginary trialogues**: conceptual blending and fictive interaction in criminal courts. Utrecht: LOT, 2002.

REESINK, Ger. 'Inner speech' in Papuan languages. *Language and Linguistics in Melanesia*, v. 24, n. 2, p. 217-225, 1993.

RONDON, Cândido Mariano da Silva; FARIA, João Barbosa de. **Glossário geral das tribos silvícolas de Mato Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1948. (Publicação n. 76, Anexo n. 5 – Etnografia). Tomo I.

VAN DER VOORT, Hein. Reduplication and repetition of person markers in Guaporé isolates. *Morphology*, v. 19, n. 2, p. 263-286, 2009.

VAN DER VOORT, Hein. Kwaza in a comparative perspective. *International Journal of American Linguistics*, v. 71, n. 4, p. 365-412, 2005.

VAN DER VOORT, Hein. The quotative construction in Kwaza and its (de)grammaticalisation. In: CREVELS, Mily; VAN DE KERKE, Simon; MEIRA, Sérgio; VAN DER VOORT, Hein (Orgs.). **Current studies on South American Languages**. Leiden: CNWS, 2002. p. 307-328 (Indigenous Languages of Latin America, 3).



VASCONCELOS, Ione P. Aikanã. In: RICARDO, Fany Pantaleoni (Org.). **Enciclopédia dos povos indígenas**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2005. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/aikana>>. Acesso em: 18 ago. 2013.

VASCONCELOS, Ione P. **Aspectos fonológicos e morfofonológicos da língua Aikanã**. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2002.

VASCONCELOS, Ione P. Algumas considerações sobre a morfologia Aikanã. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, v. 19, p. 71-78, 1996.